

FAROESTE e bordéis marcam vida bandida da nova capital

DF - BRASÍLIA

A cidade é inaugurada com plumas e paetês. Batedores de carteira atacam os convidados da festança. O segundo capítulo da série de seis reportagens sobre a história do crime em Brasília mostra as ondas de roubos, furtos e prostituição nos anos 60. Cresce a migração e nascem as quadrilhas. Em 1964, os militares tomam o poder e censuram a imprensa. É o tempo dos crimes políticos

GUILHERME GOULART E MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

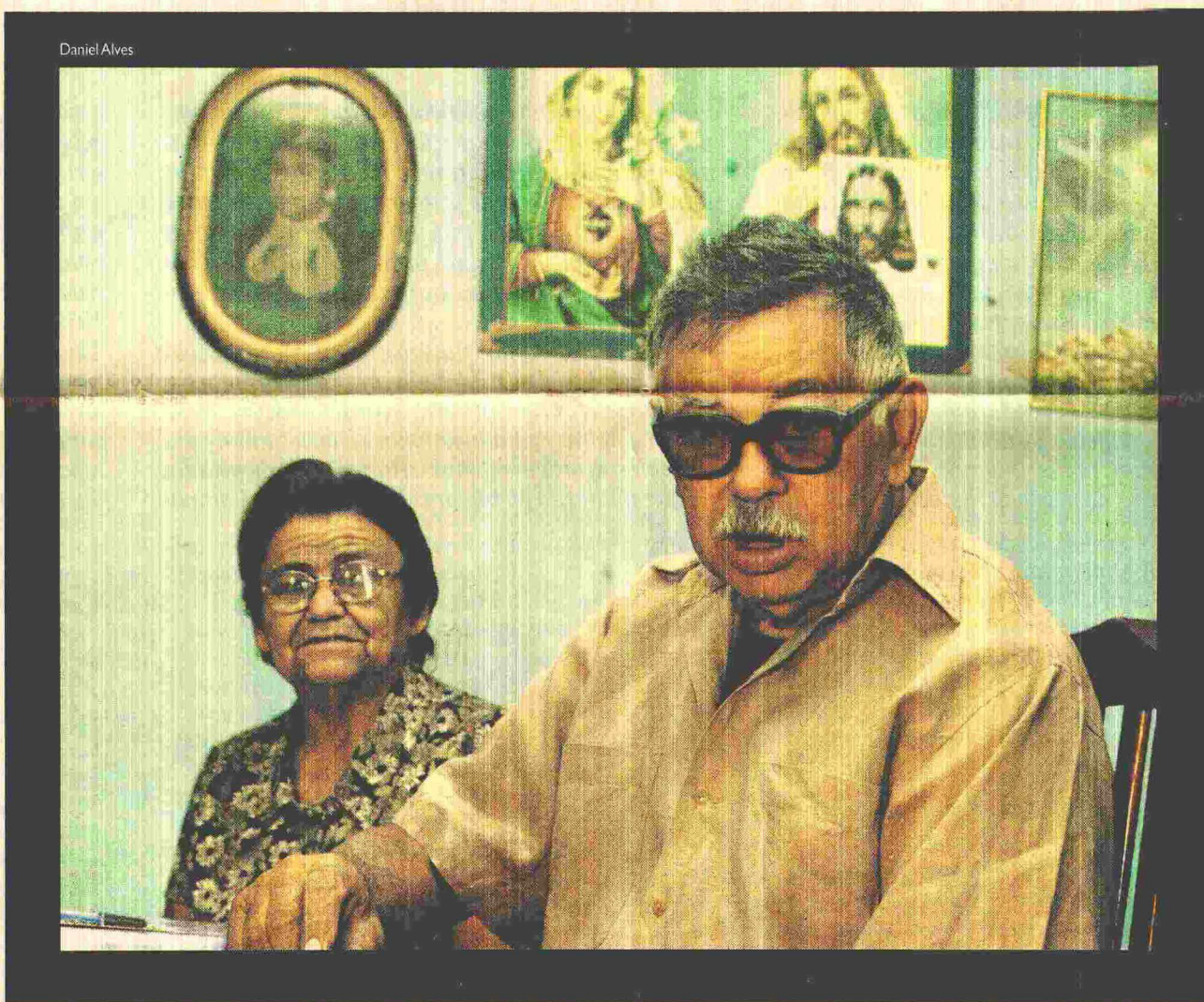
Abala rouba o lugar da peixeira dos anos 50. É 21 de abril de 1960. O presidente Juscelino Kubitschek cumpre a promessa de entregar Brasília na data marcada. A cidade tem 140 mil habitantes e uma delegacia com paredes de madeira. De manhã, os candangos desfilam no Eixão. À noite passam ao largo do glamour. Não experimentam os canapés. Nem o champanhe servido aos amigos de JK. Na ressaca da cerimônia, 40 punhuistas, os meros batedores de carteira, são presos. Aproveitam a cidade apinhada de forasteiros para conseguir algum dinheiro. Quinze são expulsos da cidade. É o retrato da vida real.

O segundo capítulo da série de reportagens sobre a história do crime no Distrito Federal mostra a criminalidade na década de 60 conectada com a expansão urbana. O migrante chega com o brilho das rodovias abertas pelo governo. Brasília é eleita por nordestinos, mineiros e goianos como o eldorado brasileiro. Avenidas tomam formas e arranha-céus escondem o horizonte na terra vermelha e pouco arborizada. Asa Sul, Taguatinga e Sobradinho aumentam o vocabulário brasileiro. O dinheiro circula.

E assim nasce a segregação. Plano Piloto de um lado, favelas no Lapi e na Vila Planalto do outro. O ladrão vai para a rua. Organiza-se em quadrilhas, espalha a insegurança. Até a Kombi bege modelo 1957, placa 1-98-98, de um certo Oscar Niemeyer é roubada na Avenida W3. Ouve-se falar de drogas na capital federal. Mais de 42kg de maconha são apreendidos — notícia-se como a maior da história do país. Os filhos da sociedade, os “playboys” fazem arruaça, furtam carros na 409 Sul. A 1ª DP investiga a participação de adolescentes.

População insegura

Enquanto isso, Jânio Quadros assume a Presidência da República. Proíbe a jogatina nos cassinos, os biquínis e as rinhas de galo. Renuncia. João Goulart é eleito. Nenhum dos dois despacha em Brasília, a cidade vazia de poder. Os moradores da Cidade Livre ou Núcleo Bandeirante estão alheios ao jogo poli-



LUIZ DE DEUS E GRACIANA BEZERRA, DO PIAUÍ PARA BRASÍLIA EM 1962: REVÓLVER EM CASA PARA SE LIVRAR DE BANDIDO E POLÍCIA

tico na Esplanada dos Ministérios.

Divertem-se nos prostíbulos do vilarejo, onde cafetões aliciam adolescentes para venderem o corpo. As meninas chegam de outros estados, até mesmo da Europa. Jornais do centro do país denunciavam argentino que comanda o esquema. É a época do Eixo Rio-Brasília. Incêndio em 1963 destrói três prostíbulos na Cidade Livre. Cem mulheres ficam sem teto.

O crime preocupa. O prefeito Paulo de Tarso promove campanhas de “humanização” nas invasões. E ameaça: bandidos capturados serão enviados de volta aos seus estados de origem. “Operários que retornam ao

lar após o dia de serviço ficam expostos à sanha dos assaltantes”, denuncia o *Correio Braziliense* em 20 de novembro de 1962.

O casal Luiz de Deus e Graciana Bezerra Bonfim é recém-chegado do Piauí. Moram dois anos na Cidade Livre. Mudam para Taguatinga, onde já residem 27 mil pessoas. Luiz começa a trabalhar na Novacap como mecânico. Tem medo da rua. “Era de casa para o trabalho e vice-versa. Jamais saía à noite. Mantinha um 38 (revólver) escondido em casa”, diz o aposentado de 71 anos. O mecânico não teme só o bandido. “Polícia era braba. Batia mesmo.”

Bandido vermelho

Acusada de matar um operário e ferir dezenas no acampamento da construtora Pacheco Fernandes, em fevereiro de 1959, a Guarda Especial de Brasília (GEB) cuida da segurança na capital. As rondas são feitas por duplas de policiais, apelidadas de Cosme e Damião. A polícia, porém, não tem força para combater o crime. Perde tempo com disputas de autoridade com as Forças Armadas. As corporações brigam, trocam tiros, se matam.

O Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) sucumbe. As viaturas são carros particulares, emprestados por amigos dos policiais. Às véspe-

ras do golpe militar de 1964, a polícia continua desorganizada. “Até 64, policial não tinha estabilidade. Castelo Branco (primeiro presidente militar da ditadura) assume o poder e equipara os salários das polícias civil e federal”, diz José Ferreira D’Oliveira, 65, o *Zé Novinho*, ex-Cosme e Damião.

O Exército toma as ruas do país. Assumem o poder na cidade erguida pelo ideal libertário. Os militares profissionalizam a polícia. Cria a Polícia Civil, a Federal, a Militar, o Corpo de Bombeiros e o Departamento de Trânsito. O aparato se ocupa do combate à subversão. Os bandidos estão trajados de vermelho, acusados de comunistas. Políticos, pensadores e artistas são cassados. Buscam exílio nos países vizinhos e na Europa. A ditadura amordaça a liberdade de expressão. Até as ocorrências policiais comuns desaparecem do noticiário.

Poucos crimes rompem a barreira da censura. Em 1965, o brasileiro acompanha o caso *Diamante 007*. Uma pedra preciosa trazida por um garimpeiro do interior de Minas Gerais desaparece. O golpe envolve deputados, policiais e oficiais do Exército. Um grego é preso e torturado, suspeito de ter ficado com o diamante. Motorista da Câmara dos Deputados é assassinado na 306 Sul. Polícia aponta “maconheiro” como principal suspeito. Em 67, o marechal Arthur da Costa e Silva está na presidência.

Universitários no front

O ano de 1968 é o da rebeldia estudantil. O movimento começa na França e se espalha pelo mundo. Chega à Universidade de Brasília (UnB). No dia 29 de agosto, 200 soldados do Exército e cem agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) invadem o campus. A tomada da UnB provoca a reação de 500 universitários. Eles se defendem com paus e pedras.

No mesmo ano, o brasileiro sente o golpe: o governo baixa o Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 13 de dezembro. Perseguições, fugas e desaparecimentos. É o tempo da prisão arbitrária e do general Emílio Garrastazu Médici. Brasília está prestes a perder a inocência.

A DÉCADA DA INAUGURAÇÃO

(1960-1969)

● O novo Distrito Federal é criado com 141.742 habitantes. A população cresce 285,2% nos primeiros dez anos. O total de mulheres se iguala ao dos homens.

● A segurança fica por conta das duplas de policiais, chamadas de Cosme e Damião (foto ao lado).

● Nascem seis cidades-satélites. Taguatinga, Gama, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina e Núcleo Bandeirante.

● A falta de infra-estrutura para a chegada dos migrantes assola a capital com um problema que persiste até hoje: as invasões.

● Em 1968, 49.557 crianças estão matriculadas no ensino primário. São 1.897 professores.

Reprodução



Prefeito: Paulo de Tarso

Chefe de Polícia: coronel Jaime Santos

Presidentes da República:

Jânio Quadros (1961)
João Goulart (1961-64)
Castelo Branco (1964-67)
Arthur da Costa e Silva (1967-69)
Emílio Garrastazu Médici (1969)

Fonte de pesquisa: Cedoc/Correio Braziliense

LEIA NA PRÓXIMA SEMANA: BRASÍLIA PERDE A INOCÊNCIA COM O ASSASSINATO DA PEQUENA ANA LÍDIA